



**UnB- Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História**

T-E-X-T-O-S DE H-I-S-T-Ó-R-I-A

Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB

TEXTOS DE HISTÓRIA divulga trabalhos na área de História e ciências afins, principalmente nos campos de ação institucional do programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. A revista publica artigos, resenhas bibliográficas, pontos de vista sobre questões historiográficas de atualidade, notícias e comentários referentes à realização de congressos, simpósios, colóquios e atividades análogas e informações relevantes acerca da atuação do programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília.

SUMÁRIO DOS NÚMEROS PUBLICADOS AINDA DISPONÍVEIS

SUMÁRIO DOS NÚMEROS PUBLICADOS AINDA DISPONÍVEIS:

*** Volume 1 1993 N° 1**

Maria Eurydice Barros Ribeiro: Entre o prestígio dos homens e a Salvação dos Céus: As Irmandades de Misericórdia e a Assistência Médico- hospitalar na Bahia (séc.XIX); *Elizabeth Cancelli*: Para esquecer a memória do Anti-semitismo; *José Flávio Sombra Saraiva*: A ambivalência de uma cultura: o negro no Brasil, em uma perspectiva histórica; *Amado Luiz Cervo*: A periodização da história da política externa brasileira; *Birgitte Holten*: O comércio entre Brasil e os Países Escandinavos durante a Primeira Guerra Mundial; *Jaime de Almeida*: Há cem anos, o IV centenário: Onde estava o povo?; *Marcos Pinto Brandão Langsdorff* no Brasil.

*** Volume 1 1993 N° 2**

Flávio Kothe: O abolicionismo literário: "O Negreiro"; *Eduardo Carreira*: O pincel invisível do pintor; *Marionilde Dias Brepohl de Magalhães*: Os imigrantes alemães e a questão da cidadania; *Mercutio Gassen Kothe*: Organizações ligadas à emigração alemã para o Brasil; *Wolfgang Döpcke*: Culturas tradicionais e o estado moderno no Zimbábue colonial, 1890-1939; *Rodolfo Sarracino*: Cuba e Brasil: bases históricas e culturais para uma comunidade latino-africana.

*** Volume 2 1994 N° 2**

Paul E. Little: Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização; *Flávio dos Santos Gomes*: Mocambos e mapas nas minas: novas fontes para a história social dos quilombos no Estado de Minas Gerais-séc. XVIII); *Mercedes G. Kothe*: A situação dos trabalhadores na Alemanha e no Brasil, 1871 a 1914; *Débora B. Azevedo*: Democracia e exclusão: O comunismo como símbolo da desordem no Governo Dutra (1946-1950); *Elizabeth Cancelli*: Vargas, a paixão de um suicídio: o irracional e a moral do ato; *Ana Helena Rossi*: A Construção da opinião pública na França no início do séc. XIX; *Celsa Fonseca*: As granjas cistercienses na estremadura portuguesa: contribuição para uma matriz social econômica; *Francisco Doratioto*: A participação brasileira no golpe de Estado de 1894 no Paraguai: missão Cavalcanti; *Estevão C. de Rezende Martins*: Ver, sentir, fazer a história; *Maria Eurydice Ribeiro*: V Centenário do Descobrimento da América.

*** Volume 3 1995 N° 1**

Verena Alberti: O riso, as paixões e as faculdades da alma; *Sônia Lacerda*: O vero e o certo na Providência na história segundo Giambattista Vico; *Elizabeth Cancelli*: Criminosos e não-criminosos na história; *Letícia Bicalho Canêdo*: Metáforas do parentesco e a duração em política; *Jaime de Almeida*: Uma santinha caipira. Milagre e ciência em São Luís do Paraitinga (SP), 1918; *Emanuel Araújo*: O tempo em que os anjos ensinaram segredos aos homens; *Frédéric Mauro*: O desemprego, a Europa e a Kondratieff.

*** Volume 3 1995 N° 2**

José Otávio Guimarães: Tempo e linguagem na filosofia da história de Walter Benjamin; *Lylia da Silva*: *Guedes Galetti*: Mato Grosso: O estigma da barbárie e a identidade regional; *Wolfgang Döpfner*: O significado de fronteiras na história do Zimbábue - reflexões iniciais; *Ronald Raminelli*: A Natureza e os Ameríndios; *Maria Tereza Perez H*: Relações ilícitas na governação de Popayán: séc. XVIII; *Estevão Rezende Martins*: Burgueses, Cidadãos e Patriotas.

*** Volume 4 1996 N° 1**

José Rivair Macedo: Nobreza, Heresia e Banditismo social no séc. XIII: o caso dos faidits; *João Paulo Bertonha*: Contra o Fascismo e contra Mussolini: as estratégias dos socialistas italianos de São Paulo na luta contra o fascismo; *Jörn Rüsen*: Narratividade e objetividade nas ciências históricas; *Eugênio Vargas Garcia*: Aspectos da vertente internacional do pensamento político de Rui Barbosa; *Roberto Jimny H*: *Yamamura*: O estabelecimento das relações Brasil-Japão no séc. XIX; *Heliane Prudente Nunes*: Historiografia da imigração árabe nos Estados Unidos e no Brasil: uma perspectiva comparada; *Eduardo Devés Valdés*: El concepto de identidad en las ciencias humanas y en la política; *Olg*: *Garcia*: Cultura e Poder; *Estevão C. de Rezende Martins*: Um certo ar de família; **Gerson G. Lede**: **Meneses: A maldição geoeconômica braudeliana em La Gobernación de Popayán.**

*** Volume 4 1996 N° 2**

Emanuel Araújo: Pobres faraós divinos; *Eduardo Carreira*: A Leste do Jordão. Um estudo sobre as lendas de origem na história da alquimia medieval; *José Bizerril*: Kalevala: Resgatando a originalidade do épico; *Candice Vidal e Souza*: A noção de fronteira e o espaço nacional no pensamento social brasileiro; *Tânia Navarro Swain*: A Construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI; *Ric*: *Oriá*: O negro na historiografia didática: imagens, identidade e representações; *Jaime de Almeida*: Liberdade, igualdade, matrimônio: Uma sessão do júri em São Luís do Paraitinga, 1909.

*** Volume 5 1997 N° 1**

José Maria de Oliveira Silva: Rever Canudos: historicidade e religiosidade popular (1940-1995); *Ant*: *Fernando de Araújo Sá*: Canudos Plural: memórias em confronto nas comemorações dos centenários dos canudos (1993-1997); *Vicente Dobroruka*: Antônio Conselheiro, profeta do Sertão?; *Jean-Cl*: *Bouvier*: Etnotextos; *Maria Filomena Dias Nascimento*: Ser mulher na Idade Média; *Antônio Segril*: A questão do “fardo das despesas militares” na economia soviética e sua influência no desencadeamento da perestroika; *Maria Eurydice B. Ribeiro*: A arte de fazer História; *Jürgen Habermas*: A história é feita por nós. Por que se concedeu o prêmio da democracia a Daniel J. Goldhagen?; *Janaína Am*: *Condenados a viver no Brasil.*

*** Volume 5 1997 N° 2**

Sônia Lacerda e Tereza Cristina Kirschner: Tradição intelectual e espaços historiográficos ou porque atenção aos textos clássicos; *Geraldo Pieroni*: Os excluídos do Reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil-Colônia; *Marcos Magalhães de Aguiar*: Tensões e conflitos entre párocos e irmandades na Capitania de Minas Gerais; *Pedro Manuel Agostinho da Silva*: Sete séculos e a profundidade histórica de um sistema de produção arcaizante; *Janaína Amado e Luiz Carlos Figueira*: A certidão de Valentim Fernandes, documento pouco conhecido sobre o Brasil de 1500; *Zamira López*: *El estudio de las fuentes documentales: del confuso laberinto a un sendero despejado*.

*** Volume 6 1998 N° duplo: 1 e 2 (Degredo no império colonial português)**

Augusto Nascimento: Recolonização, mutações demográficas e afluxo de degredados a S.Tomé no século XIX; *Elisa Maria Lopes da Costa*: O povo cigano e o degredo: contributo povoador para o Brasil Colonial; *Emanuel Araújo*: Vida nova à força: degredados em Salvador no séc. XVI; *Emília Viotti da Costa*: Primeiros povoadores do Brasil - o problema dos degredados; *Frank A. Dutra*: Salvador Moribunda; Cirurgião e degredado no Maranhão, séc. XVII; *Geraldo Pieroni*: No purgatório mas com o olhar para o paraíso: O degredo inquisitorial para o Brasil-Colônia; *Janaína Amado*: Crimes domésticos: criminalidade e degredo feminino em Portugal, séc. XVIII; *Maria Augusta Lima Cruz*: Degredados arrenegados portugueses no espaço índico, nos primórdios do séc. XVI; *Selma Pantoja*: A diáspora feminina: degredadas para Angola no séc. XIX; *Timothy Coates*: O sistema reage à mudança.

*** Volume 7 1999 N° duplo: 1 e 2**

Celso Silva Fonseca: A Roda da Fortuna: do *dominium* feudal à clausura da Corte; *Tereza Cristina Kirschner*: Lembrando Norbert Elias; *Estevão Chaves de Rezende Martins*: Tolerância e Novo Mundo: Voltaire diante do desconhecido; ***Gerson Galo Ledezma Meneses: O Centenário da Independência em Cali (1910): o encontro com o futuro e a negação do Inferno***; *Mikel Urquijo*: El desarrollo del Estado Liberal y la construcción de la nación española (España, 1808-1998); *Betina Schürmann*: Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada *versus* desleixe e caos.

*** Volume 8 2000 N° duplo: 1 e 2 (SWAIN, Tania Navarro (org.). Feminismos: teorias e perspectivas)**

Francine Descarries: Teorias feministas e solidariedade no plural; *Tania Navarro Swain*: A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário; *Colette St. Hilaire*: A dissolução das fronteiras de sexo; *Angela Arruda*: Feminismo, gênero e representações sociais; *Denyse Baillargeon*: O carlo do debate: a maternidade em perspectiva; *Marie-France Dépêche*: A tradução feminista: teorias e práticas subversivas. Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense; *Diva do Couto Gontijo Mota*: Meninas e meninos na escola: a modelagem das diferenças; *Margareth Rago*: Luce Fabri: o anarquismo e as mulheres; *Anick Druelle*: Globalização e movimento das mulheres no Québec; *Maria Izilda Santos de Matos*: Costurar e batalhar: o cotidiano da luta e do trabalho feminino. São Paulo (1900-1930).

 [Voltar ao Dep. de História](#)

 [Voltar à UnB](#)

**A Maldição Geo-Econômica Braudeliana em
La Gobernación de Popayán**

Gerson G. Ledezma Meneses
(doutorando da UnB)

Estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente o historiador Guido Barona, professor titular da Universidade del Cauca, Popayán, Colômbia, em seu livro **La Maldición de Midas en una región del mundo colonial, Popayán 1730-1830** (Cali, Universidad del Valle e Fondo de Cultura del Cauca, 1995. 335 pp), vai-se inserindo no intrincado mundo colonial desta *Gobernación* ligada ao Vicerreino da Nova Granada. Recorrendo à teoria econômica, sem medo de lidar com os paradigmas atuais desta ciência, e à luz das conjunturas de altas e de baixas do mundo capitalista contemporâneo, trata de interpretar os ritmos do mercado pré-industrial do período colonial nesta parte da colônia espanhola: produção aurífera, fundição e meio circulante em geral; abastecimentos de artigos como a carne, o sal e o trigo, e mercadorias tão importantes para a época como os escravos. Analisa a geografia da *Gobernación*, o isolamento, os caminhos, a população indígena e as relações políticas, econômicas e sociais que fizeram das elites deste território o centro do poder face às categorias subalternas. Pois estas elites controlaram os preços dos produtos e o meio circulante baseados em uma *economía moral*. Desta maneira vai entretecendo a sua proposta: trata-se da conformação de uma região *sui generis*, insulada no sudoeste da atual Colômbia, que não se inseriu no contexto da economia mundial, o autor prefere o termo braudeliano *economía mundo*.

Pesquisando os livros de contabilidade da Real Casa de Fundição de Popayán, os registros cartoriais, e as atas do *Cabildo* (prefeitura) desta cidade, e estabelecendo um diálogo constante com uma riquíssima bibliografia referente, principalmente, a estudos sobre o Alto Peru, o autor desenvolve a suas hipóteses em quatro capítulos:

No primeiro coloca de manifesto a importância do conceito de “economia mundo” no contexto da *Gobernación*, para pensar esta parte do Vicerreino em termos do regional, articulada mais à suas próprias sub-regiões, e às suas complexas relações de poder locais, do

que à economia mundial, ou metropolitana. Desta forma, a região desenvolve os seus próprios mecanismos econômicos e não depende exclusivamente dos desígnios da Espanha “en este orden de ideas, la geografía económica y política de la *Gobernación* no sólo estuvo condicionada por los determinantes propios de la “economía mundo” de la época, por los intereses locales y regionales, sino también por las características ecológicas de los territorios de la provincia y por su riqueza en metales preciosos” (p. 24). No meio do maciço colombiano, as duas cordilheiras abruptas, entre as quais se encontram ubicados os vales do Patía, o de Cauca e os altiplanos de Pasto e Popayán, fizeram que a *Gobernación* não gozasse de boas comunicações com o Vicerreino da Nova Granada e com a Audiência de Quito. “De esta manera el cuadro que se va configurando es el de una enorme lentitud de la vida económica regional, contrastando a su vez las prefiguraciones que hicieron algunos personajes del siglo XVIII, sobre la riqueza de esta región” (p. 65).

No segundo capítulo, o historiador Barona Becerra contrapõe a *Gobernación* de Popayán ao Alto Peru, região onde a riqueza aurífera e a densidade demográfica é maior. No Alto Peru a grande produção de prata, possibilitou a integração regional. Assim a Coroa espanhola esteve ligada mais ao Vicerreino do Peru do que à Nova Granada, especialmente à *Gobernación* de Popayán. Porém, por isto mesmo, esta teve a oportunidade de criar os seus próprios mecanismos para acabar sendo um arquipélago, uma região. Esta parte geográfica da Hispanoamérica foi produtora de ouro, e este metal se impôs no imaginário das elites, norteando desde o princípio a conquista, a fundação das cidades, a busca de submetimento dos indígenas à *Gobernación*. Assim as elites foram monopolizando o sistema de mineração e o uso das terras, convertendo-se em mineradores-fazendeiros. Ainda mais quando, demandando poucos serviços e mercadorias do vicerreino e da metrópole, estas elites tornaram-se autárquica, controlando os preços e as mercadorias.

O autor analisa muito detalhadamente o papel do ouro e dos funcionários reais e particulares da Real Casa de Fundição, o teor de platina na liga com o ouro, a supressão do imposto dos *Cobos*, como uma maneira de evitar perdas pela presença da platina. Esta medida fez decair as rendas dos mineradores pobres, posto que além de ter que desplatinar seu ouro, passaram a pagar mais Quintos. As reformas borbônicas do século XVIII, face ao cobro dos Quintos, e a organização das Caixas Reais sacaram da circulação uma boa parte do ouro em pó, pelo alto imposto sobre este, e pela fundição em lingotes y *tejuelos* que não voltavam à

circulação. Também analisa o baixo rendimento dos quintos pela evasão fiscal e o contrabando. Por outra parte, o ouro que entrava às Caixas reais era muito pouco e se fazia “después de finalizar por lo menos una parte del ciclo productivo anual”(p. 137). Isto, ligado a outras circunstâncias, “no alentó la acumulación de capital en los sectores de mazamorreros (*garimpeiros*) y de medianos mineros”.

Na terceira parte do livro, Guido Barona aborda a problemática do papel das reformas borbônicas. Analisa a manipulação dos preços da carne pela elite como mecanismo para estabilizá-los, eliminando a concorrência com comerciantes forâneos. Aqui se destaca o discurso moral, pois tudo se fazia em benefício dos pobres. Concluindo assim: “El control de precios se ejerció con base en la promulgación de medidas coactivas de orden extraeconómico, y no dependió de las “*leyes del mercado*” (p. 218). Tudo o que já foi anotado criou um certo clima entre a elite e as outras classes que foram dominadas por meio dos símbolos, dos gestos, das festas, dos lugares públicos, etc: “unos y otros fueron hombres y mujeres a los que no se les reconoció ninguna legitimidad social. Por ser “indígenas forasteros”, “negros”, libertos o libertinos, y mestizos, (hombres cuyo color de piel denotaba la impureza de su sangre por los “cuatro costados” y lo espurio de su ascendencia), se les reservó, con un criterio de exclusión, el papel de instrumentos pasivos del juego y de la correlación de poderes. A ellos no se les reconoció, ni siquiera, la posibilidad de intervenir en los precios de los productos que pesaban y expedían” (p. 253).

No quarto capítulo, em meio das conclusões, o autor diz que o destino da *Gobernación* de Popayán tem que ver não com a sua própria natureza e realidade, mas com “una geopolítica colonial que no sólo la destinó como proveedora de materias primas y metales preciosos sino como reserva del futuro: a hispanoamérica al igual que a sus mestizos, les quedó la esperanza y la postergación” (p. 289).

Terminando a leitura desta nova obra do historiador Barona Becerra, ficam algumas perguntas. Pelo espaço limitado desta resenha, limitar-me-ei apenas à questão geográfica, à *racionalidad económica* e à dominação total das elite sobre a *Gobernación*. Até que ponto foi determinante a geografia desta região quanto à insularidade das suas elites, já que a região se constituiu em “un espacio mediterraneo no obstante contar, dentro de su territorio, con el puerto de Buenaventura”? (p. 255). A resposta teria certamente de levar em conta que desde o século XIX o vale geográfico do rio Cauca é uma das regiões mais desenvolvidas, do ponto de

vista capitalista, da Colômbia, e reconhecer que o departamento de Nariño, desde o período precolombiano, já tinha contatos econômicos com a Amazônia, o mar Pacífico, e ainda mais com o império Inca. Pessoalmente, creio que os caminhos péssimos como o de Guanacas tenha sido obstáculo à comunicação entre as elites, porque então teríamos que esquecer a sua *racionalidade econômica*, de conseguir mais rendimentos sem importar os riscos.

As elites, ante circunstâncias adversas de comunicação devem ter encontrado e desenvolvido mecanismos para vencer as dificuldades geográficas, porque não poderíamos explicar como eles chegaram a se fixar nestas terras, conquistar e dominar. Penso que o problema está no conteúdo dos postulados de Fernand Braudel, usados como fundamento teórico e metodológico pelo autor. François Dosse no seu livro *A História em Migalhas* (1994) mostra como, para Braudel, o mundo de Felipe II esteve designado e predestinado pela geografia. De igual maneira, para Guido Barona, o ecossistema fez configurar na *Gobernación* de Popayán uma “enorme lentitud de la vida económica regional” (p. 65), como aconteceu no Mediterrâneo onde “a geografia (foi) o meio por excelência para diminuir a velocidade da história” (citado por Dosse. 1994. p. 137). Dosse, referindo-se ao historiador francês e à longa duração, diz que esta “é, portanto, indissociável do espaço que a sustenta: ‘Para compreender a longa duração, o mais simples é ainda evocar o condicionamento geográfico’. Ao não utilizar um conceito teórico, Fernand Braudel flutua no grau descritivo das diferentes instâncias do real, em que a única coisa que se poderia afirmar é que o homem, as classes, os grupos sociais só desempenham papel insignificante. Para o resto, aplica um determinismo muitas vezes mecânico a partir das condições naturais (clima, geomorfologia) ou do estado das técnicas. Tudo se aplica como causa no seu relato” (Dosse, 1994. p. 142).

Sem dúvida, tal como a geografia, no livro do professor Guido a economia tem um peso que vai além das estruturas políticas e culturais. A racionalidad económica determina absolutamente tudo na *Gobernación* de Popayán. Vejamos como o autor preferiu nomear seu determinismo: *La Maldición de Midas*, que tudo o converte em ouro: “... la fantasía desbordada de los habitantes de estas regiones, que mezclaba la abundancia del mineral con representaciones míticas y animísticas, produjo un marcado desdén por todo aquello que no fuera el mineral aurífero”(p. 137). Desdém que faz que estas elites tenham um marcado controle sobre a economia sem lhes importar as questões espirituais, sociais. As festas que fizeram estavam dirigidas ao controle do poder, dos espaços, dos gestos, dos movimentos, dos

símbolos. De tal maneira que ninguém escapou à presença marcante da elite e de seu poder. Controle de todos os movimentos dos “outros” que contrariassem os seus interesses. Lugar do mundo colonial onde Foucault veria plenamente comprovada a teoria da *microfísica do poder*, onde até o direito ao imaginário teria sido monopolizado e dirigido “... habían monopolizado los cargos políticos; las funciones administrativas; la tierra; las unidades productivas a este medio de producción asociadas; las minas; los esclavos y los “indígenas”; las dignidades eclesiásticas; los ganados; los mercados; las oportunidades de fortuna y, en fin, la posibilidad de construir imaginarios” (p. 252). Uma elite manipuladora que, tal como a apresenta o professor Guido, tinha então esquecido a sua religiosidade, os seus bons costumes, o amor ao próximo e a sua moral toda, para desprezar por completo o “outro”. Uma cotidianidade onde as fronteiras do ser rico, pobre, branco, negro, mestiço, legítimo, ilegítimo, feio, bonito etc., teria sido infranqueável.

O autor abordou a vida cotidiana colonial baseado no livro de Agnes Heller, *História e Vida Cotidiana*, e é lógico que, com base exclusiva na teoria marxista, a história dos bons e dos maus manteve-se firme. Estudos recentes como *A Invenção do Cotidiano*, de Michel de Certeau, ajudam a compreender que o papel dos pobres não está em total desvantagem face aos ricos ou “poderosos”; inclusive coloca o exemplo das sociedades indígenas coloniais da América que usaram as práticas impostas pelos conquistadores e/ou colonizadores para outros fins. “Eles metaforizavam a ordem dominante: fazia-na funcional em outro registro” (Certeau, 1994, p. 95). Poderia-se supor que também os escravos, mulheres, mestiços, libertos, etc. encontraram fórmulas para agir no terreno do inimigo e burlar os seus designios. Os comerciantes forâneos tiveram certamente que desenvolver algum mecanismo para entrar na “ilha” e vender as suas coisas, e se a elite não tinha-se costumado a usar certas mercadorias, o comerciante com certeza teria achado a maneira de criar tal necessidade. O importante para ele era vender para obter a tão apreciada moeda de ouro, ou ouro em pó. É lógico que a sociedade subalterna teria seus mecanismos para fugir do controle das elites, das suas festas, fé, religiosidade, tributos, impostos, punições, etc.

Michel de Certeau analisa táticas e estratégias dos “fracos” quando estão no campo do “poderoso”; a estratégia, diz, “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa

docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (Ibíd., 100-101).

Assim, a obra aqui resenhada cria nos estudiosos do período colonial do sudoeste colombiano, o interesse por dar resposta a novos interrogantes, abrindo outros horizontes no desenvolvimento da História Regional que os professores das Universidades del Cauca (Popayán) e del Valle (Cali) estão fornecendo ativamente. O texto do professor Guido Barona, sem dúvida, é um aporte valioso que dá continuidade à obra da historiadora Zamira Díaz López que já tinha explorado temas similares nos três séculos anteriores, ao tratar também da *Gobernación* de Popayán e da produção aurífera (*Oro Sociedad y Economía. El Sistema Colonial en la Gobernación de Popayán: 1533-1733*. Bogotá, Banco de la República, 1994). Fazendo escola nestas universidades, junto a outros colegas como Alonso Valencia Llano, María Teresa Pérez, Francisco Zuluaga, Gonzalo Buenahora e Margarita Garrido, entre outros. E o mais importante, fazendo escola junto aos alunos e ex-alunos das mencionadas instituições através dos programas de graduação, especialização e mestrado. Certamente estamos interessados na projeção do Sudoeste colombiano como uma região riquíssima também em fontes para o avanço da História regional e nacional, e ainda internacional, pois a *Gobernación* de Popayán esteve ubicada jurisdicionalmente entre a Real Audiência de Quito e o Vice-reino da Nova Granada. Assim Popayán tem hoje à disposição dos pesquisadores o Arquivo Central do Cauca e da Arquidiocese, dois dos mais importantes de sudamérica, contendo documentos do século XVI até o XX. (agradecimentos ao Professor Dr. Jaime de Almeida pela correção do português).